



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

6 de SETEMBRO  
DE 1958

Director: Guilherme P. da Rosa  
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas  
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.015  
ANO 52.

## OS ESCRITORES

### UMA MISSÃO SEM TEMPO

**T**OMA aspectos angustiosos, o drama dos escritores. Homens de missão, como podem eles cumpri-la com a plena responsabilidade sem a qual a obra humana nunca se completa? A missão degrada-se entre nós, em virtuosismo amador. Raras são as actividades que se constituíram profissionalmente e não conquistaram os seus sagrados direitos. A grande excepção, e a actividade intelectual. Dir-se-á que a literatura não é uma profissão, mas sim um sacerdócio, algo que plana acima do grosseiro materialismo da vida. Enquanto o escritor não dispuser de tempo, porém, a sua actividade não poderá constituir um sacerdócio, como não constitui uma profissão.

O escritor também tem o direito inalienável a família, à casa, a satisfação das mais naturais ambições humanas. Para realizar estes fins, busca a subsistência e a sobrevivência fora da sua vocação, em outras profissões, em trabalhos burocráticos que o diminuem intelectualmente e lhe roubam o tempo, o tempo sem o qual não haverá ocio e portanto criação.

Ainda há pouco, um notável escritor, Sant'anna Dionisio, desabava num livro recentemente publicado «O Rio de Heraclito»: «Todas as manhãs me ergo com a certeza de que nesse dia vou trabalhar «terrivelmente», seja como for, apesar do officio, do estômago, dos amigos do correio, do tempo, do olhar, apesar de tudo. Mas logo a manhã é toda queimada nas quatro horas do officio». Este é talvez o maior drama dos escritores. Eles suportariam talvez melhor outras privações, mas esta interfere com algo de inefável e divino, com algo de secreto e espiritual, com esse «quid» que é a vocação, que é o «fim» natural de uma vida e de um destino. «Mas logo a manhã é queimada nas quatro horas de officio»! Escritores que são funcionários públicos, que são empregados comerciais, que são contratados de empresas. Conhecemo-los, até angariadores de publicidade. E conhecemo-los desempregados, o que é também uma forma de prisão, pois na aflicção monetária, no constante adiamento dos mais elementares desejos humanos, não há espirito que se possa entregar livre e despreocupadamente à meditação e à expressão artistica.

Ora a verdade é que não há literatura nacional sem escritores, sem escritores que produzam regularmente que tenham tempo para pensar e realizar as suas obras. Não há literatura, não há cultura e não há pátria. É possível conceber uma pátria dinamizada unicamente pelos funcionários e pelos técnicos? A pátria e acima de tudo um projecto espiritual e os escritores — filósofos, novelistas, poetas, antropólogos, cientista — são o divino sopro que insufla nos homens o conhecimento e a sabedoria, a reflexão, a manutenção e o progresso dos valores do espirito. Na hierarquia social, os escritores ocupam actualmente o último lugar — quando deviam ocupar o primeiro.

Há que rever por completo esta injusta situação. Como? Começando por se assegurar materialmente a vida do escritor enquanto escritor. Começando por remunerar o escritor como ele merece, e não como o mais mal pago dos trabalhadores manuais. Começando por dar-lhe o tempo, o seu tempo, o tempo livre e aberto que coloca as horas ao serviço da criação intelectual. O escritor principia hoje onde devia acabar; principia a escrever nas últimas horas da tarde, já extenuado, já gasto pela luta sem glória das repartições e dos officios, já desiludido e descrente, vencido antes de o ser. É preciso que o dia inteiro seja dele, que o dia inteiro seja para o seu espirito, para o seu Destino, para a sua vocação.

Sem uma grande, intensa e substancial actividade do Espirito, uma pátria não pode ser grande e os problemas só aparentemente são resolvidos. Vive-se momentaneamente, no mesquinho, no egoista, num mundo de pequenos principios e de pequenos fins, de pequena fraternidade e pequena sabedoria, quando os intelectuais são menosprezados e lançados para o mais infimo lugar na sociedade. Os escritores, esses têm quase sempre a consciência da sua responsabilidade e da sua missão. Falta-lhes porém o tempo; como podem eles atingir o seu próprio ideal? Voltaremos ao problema.

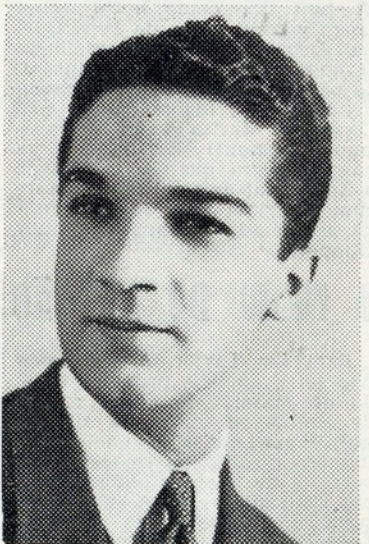
ANTÓNIO QUADROS

## ASTROS DA NOSSA RÁDIO



MARIA DE LOURDES RESENDE

Esta artista considerada a rainha da rádio portuguesa, fulcro de um estudo aturado dos personagens que interpreta, continua a dar-nos números de sabor regional



JOSÉ ANTÓNIO

Artista inconfundível da nossa rádio, continua deliciando os seus inúmeros admiradores com a sua magnifica voz

# ELISABETH TAYLOR REENCONTROU O AMOR

**É** proibido fotografar Liz Taylor e Arthur Loew Jr. juntos três meses depois do trágico acidente de Mike Todd, a «viúva de Hollywood» e de novo o fulcro das crônicas mundanas e dos comentários de Hedda Hopper e Louella Parson. Desta vez, porém, os nomes de Arthur e de Liz estão ligados a uma história que, delicadamente, foi designada como uma «história de amor». Efectivamente, Arthur é a única pessoa que ve Liz com frequência e a única que ela admite na sua vida privada de reclusão desde a morte de Mike Todd. Apenas o cançonetista Eddie Fisher e sua mulher Debbie Reynolds tiveram até agora este privilégio: amigos de longa data, foram os primeiros a correrem para junto dela apenas souberam da desgraça que, depois de treze meses de completa felicidade, a tornou viúva.

Além destes, somente o dr. Rexford Kennamer e o jornalista Bill Lyon podiam vê-la quando chamados por ela: o dr. Kennamer é o medico de Liz Taylor; tem-na tratado sempre nestes últimos anos e foi ele quem lhe aconselhou o colete de ferro para corrigir a dolorosa doença da espinha dorsal, que atormentou a actriz durante a sua terceira gravidez, e à sua força de persuasão se deve que a débil Liz se tenha transformado numa mulher válida, capaz de assumir todas as responsabilidades que a vida lhe impõe. Bill Lyon é um dos jornalistas da M. G. M., a casa produtora de Elizabeth Taylor nos dezasseis anos de carreira da actriz. Também Arthur Loew Jr. tem qualquer coisa de comum com a M. G. M. — é o único filho do produtor: riquíssimo, «enfant gâté», tem trinta e um anos, mas só agora se decidiu ao matrimónio, apesar dos numerosíssimos «flirts» que lhe têm sido atribuídos. De vez em quando têm tido como *noiva* Janet Leigh (agora esposa de Tony Curtis), Debbie Reynolds (actualmente «mrs» Fisher), Nancy Sinatra, (a bela filha de Frank), Annamaria Pierangeli (agora casada com Damone), Marisa Pavan (agora senhora Aumont), Eartha Kitt (a cantora negra, que foi classificada a Edith Piaf americana), e por último a inglesa Joan Collins (casada, divorciada, e «fan» de Sidney Chaplin).

## O FILHO DO PATRÃO

Para Liz Taylor, Arthur Loew não foi o amor à primeira vista. Já aos catorze anos, na ribalta de Hollywood no filme «O Regresso de Lassie», a adolescente inquieta dos cabelos cor de asa de corvo, e de imensos olhos verdes, era vista muitas vezes em companhia do herdeiro do poderoso Loew. Naturalmente, falou-se então de matrimónio: a M. G. M. não desmentiu a notícia, dando a entender que as núpcias entre o filho dum dos proprietários e a jovem actriz de quem todos fa-

Debbie Reynolds ofereceram pela inauguração do famoso Tropical Hotel, propriedade do cançonetista, Liz Taylor, em crepes negros, chegou no magnífico automóvel de Arthur Loew Jr., do qual desceu entre uma ala de amigos e de admiradores, mas não de fotógrafos, que foram previamente afastados pela guarda de corpo de Loew; no «hall» do hotel um repórter fotográfico, mais desenvolto do que os outros, conseguiu uma serie de fotografias que documentavam as relações de terna-

**ARTHUR LOEW JR., FILHO  
DO RIQUÍSSIMO PRODUTOR  
DA M. G. M., NUNCA ABAN-  
DONA ELIZABETH TAYLOR  
MAS NÃO GOSTA QUE OS FO-  
TOGRAFEM JUNTOS**

lavam, não era nada de surpreender. No entanto, repentinamente, apareceu ligado ao dela um outro nome, o de Nicky Hilton, filho do dono da cadeia de hotéis Hilton, e Arthur foi reposto na lista dos pretendidos noivos de Liz. O seu «flirt» com Eartha Kitt, bastante recente, correu o risco de desencadear um escândalo de «primeira classe». Nunca poderia se aceitar um casamento entre o milionário Loew e «uma negra», ainda que célebre. O namoro, por intervenção superior, foi bruscamente interrompido. O que tinha com Joan Collins terminou nas poucas semanas, mas não por decisão dum só parte. Logo que Joan se apercebeu do «regresso» de Arthur e de Liz, compreendeu também imediatamente qual a atitude que devia assumir: teve uma longa explicação com Loew e foi bastante compreensiva perante os argumentos apresentados e suficientemente generosa para devolver toda a liberdade de acção ao seu cavalheiro. Desde então Arthur tornou-se o companheiro e servidor inseparável de Liz.

Na conferência que teve com a Imprensa e com o seu enteado Mike Todd Jr., para anunciar a abertura duma casa produtora, Loew, semiescondido num ângulo, não perdeu de vista nem por um minuto o rosto calmo e decidido da actriz.

Na recepção que Eddie Fisher e

amizade entre Liz e Arthur: na realidade, mais não eram do que duas pessoas de braço dado sorrindo-se: por ordem de Loew foi «pedido» ao fotógrafo que inutilizasse o rolo. E o rolinho foi destruído.

Logo após o filme que foi interrompido pela morte de Mike Todd, com um prejuízo de centenas de milhares de dólares, Liz Taylor foi passar umas breves férias numa propriedade de Loew no Arizona. Foi acompanhada pela irmã e pelo cunhado de Loew; por ordem da M. G. M. os jornalistas não fizeram reportagens destas férias e os fotógrafos foram peremptoriamente aconselhados a afastarem-se do Arizona.

«Se Liz pensa de novo em casar-se — diz «Hollywood-Repórter», jornal considerado a bíblia da capital do cinema — é muito fácil indagar-se o nome do quarto marido: será Arthur Loew Jr., o ídolo mais desejado e mais reservado de Hollywood». É uma maneira como outra qualquer de desvendar o romance que parece existir já, entre o riquíssimo Arthur e a solitária Liz.

## UM BILHÃO DE LIRAS

Depois da morte de Mike Todd, Elizabeth Taylor não teve uma

(Continua na pág. 6)

# TESTAMENTOS PITORESÇOS

Testamentos absolutamente válidos foram escritos em cascas de ovos, em pele humana, em bocados de madeira e, pelo menos uma vez numa unha. Foi um preso que elaborou o minúsculo testamento, cortando a unha antes de se suicidar.

No Alasca, durante a febre do ouro, um preso, que cumpria demorada sentença, teve a ideia de escrever o testamento numa das paredes da cela. No processo que se seguiu à morte do homem, os parentes interessados no espólio pagaram as custas da remoção da parede, a qual foi apresentada no tribunal como «prova n.º 1».

Diz-se que os mais antigos testamentos da história remontam a 3.000 anos atrás, e os advogados ainda hoje citam o famoso testamento de Aristóteles, escrito no ano 322 a. C., testamento esse que é um modelo de concisão em fraseologia, não deixando quaisquer dúvidas ou possibilidades de discussão sobre as intenções do testador.

A seguir, damos alguns exemplos de testamentos pitorescos, casos recentes e casos históricos, alguns bem claros, outros bastante confusos.



Ao que se julga, o mais comprido de todos os testamentos foi o de Phineas T. Barnum, um dos



Em Berlim, em 1880, uma mulher, que veio a revelar-se como louca, mandou tatuar nas costas um testamento de 200 palavras

maiores empresários de todos os tempos. Sempre falador, já ainda «falar» demoradamente já depois de morto — e para isso elaborou um testamento composto de 53 páginas, todas escritas em letra muito miúda e muito apertada. Nesse testamento, dava as mais minuciosas instruções sobre o que deveria ser feito de todos os animais do seu circo, de todos os móveis e de todos os utensílios, incluindo o mastro principal da pista onde fluuava a bandeira.



Na Austrália, no século XIX, um homem de nome Francis Reginald Lord, deixou em testamen-

COMO É FÁCIL DESCOBRIR ATRAVÉS DUM TESTAMENTO A MANEIRA DE SER DUMA PESSOA! DE FACTO, ATRAVÉS DESSAS «ÚLTIMAS VONTADES» REVELAM-SE OS BRINCALHÕES, OS EXCÊNTRICOS E AS BOAS PESSOAS, EVIDENTEMENTE



O marido entraria na posse do dinheiro que a estes fora legado, só depois da morte dos lagartos

to a sua mulher a importância de um xelim e nada mais, «para que ela se meta no primeiro «eléctrico» para qualquer lugar, onde possa deitar-se a afogar».



Um negociante que viveu em Manitoba, nos fins do século passado, resolveu atingir na morte aquilo que sempre fora o sonho da sua vida: representar. Apesar da sua decidida vocação para a arte de Talma, a família opusera-se e mandara o homem em questão trabalhar num escritório, e ali ficara com a cabeça nos números e o coração nos palcos teatrais. Ao morrer, deixou a maior parte da sua fortuna a um gru-

po de «furiosos dramáticos», da sua terra natal com a incumbência de representarem «Hamlet», uma vez por ano (até o dinheiro chegar), devendo o seu próprio crânio figurar na cena do covreiro.



Uma viúva que vivia em Sidcup, no condado de Kent, deixou a banheira, esquentador e todos os bocados de chumbo que tinha em casa, incluindo o lavatório da cozinha, a um canalizador seu conhecido. Explicou no testamento que queria assim retribuir a gentileza do canalizador que, durante 25 anos, fizera todas as reparações necessárias, sempre de graça.

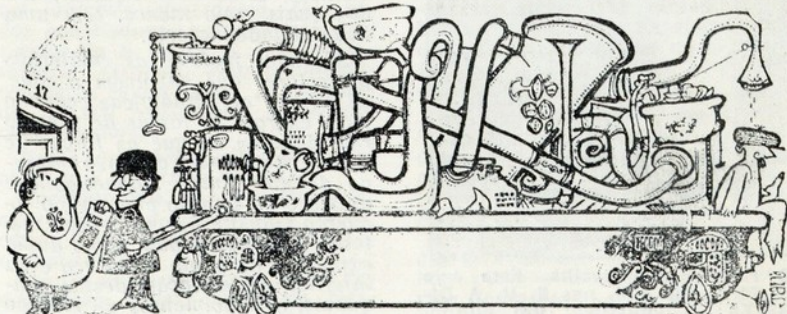


Em New Brunswick, um tal sr. Herbert, S. Sharp deixou uma quantia bastante importante à Universidade de Mount Allison, para bolsas de estudo. Porém, o sr. Sharp era acérrimo inimigo dos fumadores, e manteve esse ódio para além do túmulo. «Só os não-fumadores poderão candidatar-se às bolsas de estudo — dizia o seu testamento. — Quem tem dinheiro para fumar é porque pode pagar as despesas da sua educação».



Um dos mais estranhos testamentos feitos neste século foi o de um médico de Nice. Todos os anos, é atribuído um prémio ao

(Continua na pág. 6)



A senhora deixou a banheira, esquentador e todas as peças de chumbo ao canalizador

# A GRANDE ILUSÃO

**D**IR-SE-IA um sonho. Num relatório que publicou recentemente, a Associação Nacional de «Planning» dos Estados Unidos declara: «As guerras do futuro poderão, eventualmente, desenrolar-se na Lua ou nos espaços da exosfera...». E, mais adiante: «Em caso de guerra atômica, certos grupos de seres humanos poderiam refugiar-se na Lua, esperando o fim das hostilidades e o desaparecimento das radiações mortais». Esse relatório intitula-se: «1970, Sem «Contrôle» dos Armamentos».

Que é a Associação Nacional de «Planning» dos Estados Unidos? Uma das numerosas comissões oficiais que louvam o firmamento administrativo da América do Norte. Entre as conclusões cuja objectividade de sublinhar o carácter apocalíptico, convém, ainda, citar esta: «Considerando que depois de um ataque-surpresa da idade nuclear, a maioria de uma força defensiva pode ser aniquilada em alguns minutos, é provável que as atenções se concentrem em dispositivos do género desencadeamento pela mão do morto (push-button for the dead man's

hand)». Dispositivos previstos para um certo grau de saturação atômica sobre um território, mesmo que não tenha um ser vivo, podem desencadear automaticamente uma chuva de missis sobre o agressor.

Alguns dias antes, jora apresentado aos jornalistas da N. A. T. O. o último potro da «écurie» dos foguetões, o «Nike-Hercules». Quase por todo o Mundo, florestas de «Corporal», de «Matador» e equivalentes apontam para o céu. Os J. R. B. M. «Thor» do exército de terra e «Jupiter» da aviação americana são actualmente construídos em série. Em Colomb-Béchar, centro francês de lançamento de foguetões na Sahará, os «Monique» olham furiosamente a paisagem. Super-radares colossais estendem desesperadamente as orelhas ao longo de numerosas linhas estratégicas e sobressaltam o voo dos patos selvagens.

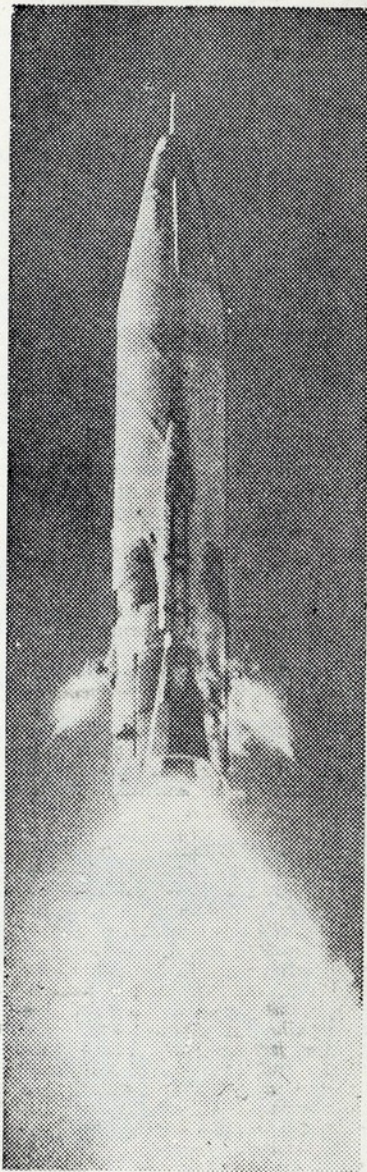
Conclusão: desencadear de além-túmulo o lançamento de engenhos de morte. Os técnicos não escondem: tudo isto é inútil.

A ameaça de novos foguetões, mais poderosos e mais mortíferos, à vigilância de extraordinários sistemas de detecção, não há resposta. Uma grande ilusão.

Eis porquê.

Um foguetão, nas fotografias, parece bem temível. E, no entanto, é inacreditavelmente frágil. desde o seu nascimento à sua maturidade. E, até, mais tarde. Saído das fábricas de montagem, é transportado até ao ponto de lançamento, com tantas precauções como se fosse um recém-nascido. J. C. B. M. ou J. R. B. M. é uma longa carcassa mole que treme sobre o veículo transportador, semelhante a uma gigantesca pele de salsicha vazia. Quando se coloca na plataforma, um simples golpe de vento basta para tombar este monstro condutor da morte, não estando bem protegido. O que dá a rigidez a esse paradoxo de fragilidade mortífera são os líquidos com que um exército escarlate de camiões cisternas lhe enchem os flancos. E é a isso que se confia uma bomba H. Alojado na ogiva do engenho, o mecanismo termonuclear depende do aquecimento de milhares de tubos, de reguladores, de dispositivos electrónicos, e de dois líquidos, um dos quais, pelo menos, tem uma instabilidade notória.

Se não fossem as materiais protectores que envolvem o cone, as formas aerodinâmicas cedendo mais energia às forças de pressão retardadoras do que as forças de fricção calorífera e, enfim, o emprego de um campo magnético que afasta o plasma do engenho, o foguetão transformar-se-ia num meteoro. Citemos, ainda, como dupla expressão do génio mecânico e da infernal complicação destas máquinas, os movimentos de rotação de efeitos «laminares», destinados a evitar o efeito turbulento do ar,



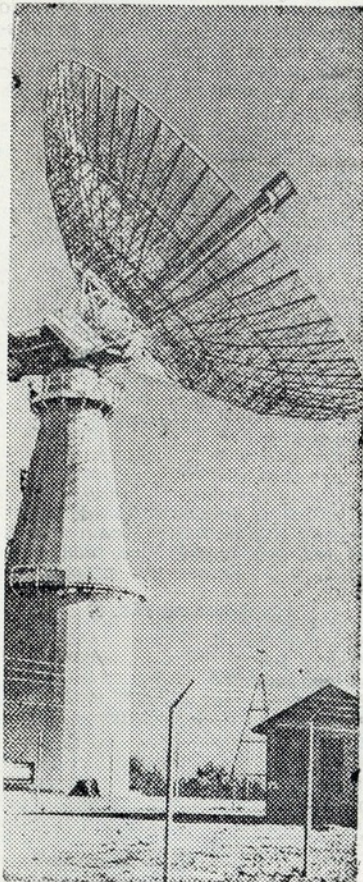
os aeroreios para travar o cone antes da altitude critica, o liquido exsudando através do metal poroso para evaporar-se na superjície...

Quem se admira, perante a multiplicidade destas condições de «éxito» dos numerosos fracassos dos «Atlas» e dos «Jupiter»?

Repetimos: é a isto que se confia uma bomba H.

Por mais frágil que seja, este mecanismo eleva-se no espaço e corre à velocidade de seis quilómetros por segundo. A sua detecção e a sua intercepção põem problemas que podem qualificar-se de infinitos. Em primeiro lugar, a detecção. Um radar normal, de facto, só assinala um missil al-

(Continua na pág. 5)



O radar: uma ovelha. Este é o de Millstone Hill, nos E. U. A DIREITA: O «missile»: um punho. O «Atlas» é o mais formidável do arsenal balístico americano

# NEM TODOS NASCEM

**N**ÃO nasceram em berços de ouro, muitos grandes homens, daqueles cuja radiação espiritual fica como luzeiro perpétuo a iluminar o caminho às mais altas e mais nobres aspirações da Humanidade.

Oriundos de gente humilde, encarregados para profissões modestíssimas, por vezes debatendo-se na miséria cruciante, curtindo fomes e dores, eles ascenderam às luminosas alturas onde se contemplam os génios na sua gloriosa imortalidade.

Cristo veio ao Mundo nas pobres palhas de uma manjedoura, na desolação de uma desmantelada arribana e viveu no ambiente humilde de uma família pobre, mantida pelo trabalho de um laborioso carpinteiro, pai adoptivo do Redentor.

Era pescador, Simão, depois chamado Pedro, a quem o Nazareno entregou o leme da sua barca, como eram, também, gente obscura e pobre os outros apóstolos e os propagadores dos princípios cristãos da igualdade entre todos os homens.

A história da Humanidade, dos seus altos feitos, das suas memoráveis empresas, o mesmo é que dizer do progresso, da civilização, das conquistas que celebram o talento, o heroísmo, as abnegações dos homens eternos, está cheia desses exemplos impressionantes, inspiradores da mais alta veneração, de sábios, artistas, santos condutores de povos, nascidos na humildade, oriundos de plebéus, da camada infima, anónima, e alguns de classe mediana, da burguesia vulgar, em plano muito inferior ao da casta privilegiada que tantas vezes os deprecia e os humilha do alto do seu poderio.

A grandeza de alma desses homens excepcionais, verdadeiros fidalgos do espirito, aristocratas do pensamento, logo se manifesta pelo orgulho na ascendência singular, sem jamais occultarem os princípios modestos ou repudiarem a paternidade sem pergaminhos que envergonha soleníssimas nulidades douradas por pomposos títulos.

D'Alambert, esse nem sequer podia fruir da suprema satisfação de cingir à sua glória, conquistada pelo talento, os pais que nunca conheceu, pois foi enjeitado à porta de uma igreja em Paris, mas nunca occultou esse drama pungente da sua vida, proclamando a sua origem, como um anónimo filho do povo.

Entre os Papas, sucessores do pescador ad Galileia, como ele de origem modestíssima, apontam-se os exemplos de Adriano VI, também pescador, mas tão pobre que, sem meios para alimentar uma candeia de azeite no desconfortável tugúrio, ia estudar as suas lições à luz dos candeieiros da rua. Sixto V foi guardador de gado e Gregório VIII, carpinteiro.

O imortal Shakespeare, era filho de um tratador de cavalos e começou a ganhar a vida como operário cardador de lãs, seguindo outras profissões subalternas,

## EM BERÇOS DE OURO MAS OS MAIS HUMILDES PODEM SUBIR AOS PINCAROS DA FAMA

incluindo a de saltimbanco e actor que representava as suas próprias peças, às vezes apenas a troco da comida e da enxerga nas barracas dos circos volantes.

Muitos outros casos semelhantes avultam entre as grandes figuras da intelectualidade que conquistaram fama eterna. Molière, contemporâneo do poderoso Luís XIII e seu criado de quarto, foi cómico ambulante e exerceu rudes misteres para conseguir o pão de cada dia. Contudo, a sua celebridade universal, como um dos maiores dramaturgos de todas as épocas, ofusca o nome do soberano de quem foi apagado servo. De origem tão humilde eram o portentoso Jean Jacques Rousseau, arauto das ideias novas que libertaram os homens da submissão nos planos inferiores, pela fatalidade de terem nascido entre a gente anónima, e o enternecido e amoroso Michelet, que de simples tipógrafo se tornou no maior historiador da França e da Revolução que quebrou a tirania das castas proclamando o primado da inteligência e estabelecendo o princípio da valorização do individuo pelos seus méritos próprios, independentemente da sua origem e

da posição social da família — princípios, aliás, renegados por muitos dos que sem a vitória desses generosos e nobres ideais de dignificação humana seriam sempre obscuros e insignificantes como os seus antepassados de brumosa ascendência.

Não teria havido, por exemplo, uma epopeia napoleónica, pois saiu da Revolução para a marcha triunfal da conquista guerreira até o trono imperial esse modesto oficialzinho da ignorada família dos Bonaparte, que vivia na Córsega a existência da sua condição apagada, como descendente dos humilhados servos da gleba.

Os grandes cabos de guerra que partilham da celebridade de Napoleão, feita a golpes de audácia e tocada da «centelha do génio militar», eram «soldados que levavam nos bolsos os bastões de marechais». Entraram nas fileiras como praças rasas e atingiram o marechalato, pelos seus méritos excepcionais. Massena, que só de fim de catorze anos ganhou as divisas de sargento; Soult, de começo pouco mais que analfabeto; Murat, filho de um estalajadeiro;

(Continua na pág. 6)

## A GRANDE ILUSÃO

(Continuado da pág. anterior)

gumas dezenas de segundos antes da sua explosão, tempo demasiado curto para alertar as bases da defesa. Assim, recorreu-se aos super-radares, funcionando em ondas médias e não centimétricas. Munidos de antenas de quarenta metros de diâmetro e empregando as mais recentes técnicas de integração, de análise e de amplificação, o O. R. D. I. R. e o M. A. S. E. R. permitem assinalar um foguetão a 5.000 quilómetros. Mas, mesmo dotado de velocidade do relâmpago, o sinal denunciador do foguetão tem de caminhar através de um enxerçável labirinto electrónico. Um só dos calculadores actualmente em serviço da S. A. G. E. (Semi-Automatic Ground Environment) comporta 50.000 tubos, 17.000 diodos, 550.000 resistências e 200.000 condensadores!

Basta que uma só resistência ceda, que um tubo rebente...

Consideremos, no entanto, que aparelhagem de detecção é imprescindível. Onde e como vai abater-se o foguetão?

Foram propostos vários meios de destruição, classificados em três categorias: mecânicos, atómicos e físicos.

Considerando-se excessiva a discrição da fragilidade dos sistemas de ataque e de defesa, citaremos um exemplo famoso e muito pouco conhecido. O técnico especializado do exercito americano Van Valkenburg demonstrou que uma simples bolinha, mesmo de miolo de pão, e sem velocidade inicial, ocasionaria sérios desgastes num engenho que chocasse com ela a seis quilómetros por segundo. Bastaria um punhado de areia ou uma ave para transformar estas locomotivas aéreas que são um «Jupiter» ou um «T-3» em estrelas cadentes.

O dr. C. - C. Turnas secretário-adjunto da defesa dos Estados Unidos reconheceu: «A elaboração de um sistema eficaz anti-I. C. B. M. seria o mais difícil empreendimento do nosso tempo».

E mais dispendioso, ainda. De maneira que, cultivando o seu gosto do paradoxo, os peritos americanos perguntam se não valeria mais... deixar de ouvir Nova York!

Entretanto, as firmas electrónicas americanas — e nossas também, claro — lançam-se numa corrida desenfreada para os sistemas de detecção, cada vez mais complicados e mais caros.

## NEM TODOS MASCEM

\* (Continuado da pág. 5) \*

*Saint-Cyr, a sombar tular de todos os generais da França; Hoche, Ney, Klüber, Lanes e tantos outros que saídos do nada entraram na imortalidade.*

*A odisseia comovedora de homens famosos nas ciências, nas artes e em vários campos das actividades notórias, são outros exemplos das grandes vitórias da inteligência, da tenacidade, da vontade indomável de triunfar através de todos os obstáculos que se opõem dos humildes em busca do seu destino transcendente. Astrónomos como Copérnico e Kepler, que desvendaram os segredos do Universo e estabeleceram as suas leis fundamentais, como Newton e Laplace, estes filhos de trabalhadores rurais, o primeiro, de um padreiro e o segundo, de um taberneiro; exploradores da emvergadura de Livingstone e de Cook, que começaram, respectivamente, como tecelão e marçano; escritores da grandeza de Máximo Gorki e Mark Twain, que percorreram toda a escala das subalternas posições, em rudes ofícios, que nem sempre lhes garantia o pão quotidiano; e aqueles outros que formam a longa teoria dos «infirmos predestinados» e tantos dos que têm tido nas mãos os destinos do Mundo não nasceram em*

## TESTAMENTOS PITORESCOS

\* (Continuado da pág. 2) \*

*habitante local que tenha «o nariz mais direito os pulsos mais estreitos e as mãos maiores». No seu testamento, o médico estipulou que quem reunisse estes atributos só poderia ganhar o prémio se tivesse cabelo ruivo e sobrancelhas pretas».*

*Sete lagartos receberam cada um a quantia de 7.000 libras, que lhes foi deixada pela dona, uma senhora que vivia em Margate, na África do Sul. Segundo o testamento, o marido da senhora só poderia tocar no dinheiro depois da morte dos lagartos.*

*Pensando em funerais, um negociante de móveis de Norristown,*

*berços de ouro. Romperam da obscuridade e conquistaram a fama contrariando a sorte que não os bafejou quando entraram na vida, porque a chama divina os iluminou com a faúlha do génio, negada, tantas vezes, aos que nascem ditosos. Mas são verdadeiramente homens superiores aqueles que têm a consciência da sua humildade e orgulhosamente a proclamam ao celebrarem a origem obscura, como o excelso Béranger, no seu imortal poema: «Nasci vilão e bem vilão!».*

*na Pensilvânia, recordou que os membros da sua família só se reuniam em tão tristes ocasiões. Para contrariar esse hábito, deixou em testamento uma quantia importante para que os seus doze sobrinhos fizessem um cruzeiro magnífico a Havana.*

*Robert Louis Stevenson, ao morrer numa ilha do Pacífico, legou o dia dos seus anos a uma rapariga que se queixara, que, tendo nascido no dia de Natal, ficara desfalcada de prendas de aniversário, durante toda a sua vida, pois a pretexto de se juntar duas festas apenas recebia uma prenda da família. No entanto, Stevenson juntou uma cláusula ao testamento: «Se a beneficiária não utilizar convenientemente este legado, os direitos do mesmo reverterão para o presidente dos Estados Unidos».*

*Porém, umas das cláusulas mais desagradáveis em testamentos foi dirigida à juventude. Um farmacêutico de Leeds escreveu no testamento que a sua fortuna de 8.000 libras só seria entregue aos filhos, quando estes «atingissem a idade do juízo». Os filhos tinham 28 e 26 anos, e o pai considerou «idade de juízo» a de 50 anos para cima.*

## ELISABETH TAYLOR

\* (Continuado da pág. 3) \*

*vida fácil: agora tem de lutar, não só para se livrar do perigo de permanecer enterrada na dor e na solidão, mas também do perigo de ficar pobre. No testamento que Todd redigiu, pouco antes de despenhar contra o monte de urânio no México, deixou escrito que para a mulher e para o seu único filho ficariam em partes iguais a soma líquida de cerca de 1 bilião de libras, em depósito da casa forte do «Mike Todd Co.» Mas, exactamente a 1 bilião de libras montam as dívidas deixadas pelo vulcânico Tazza da produção cinematográfica, que foram pagas com o dinheiro líquido existente.*

*Previdente como deve ser toda a mulher de vinte e cinco anos, mãe de três filhos e viúva, Liz impôs um regime de relativa austeridade. Vendeu as suas preciosas peles, o Rolls-Royce farrado de «vison», renunciou à sumptuosa «villa» de Schuyler Steet, a Beverly Hills, e não alugará para o Verão «A Florentina», rica moradia na Costa Azul, onde os cônjuges Todd passaram longos períodos de férias; ficará apenas com a casa de Palma Springs para os seus três filhos. Michael de cinco anos, Christopher de três anos e meio, e Liza de oito meses (a filha que teve de Mike Todd). Mas o panorama do futuro mostra-se perigoso.*

*Quando «A Volta ao Mundo em Oitenta Dias» tiver acabado a sua primeira exibição no circuito in-*

*ternacional, a receita deverá ser dividida em partes iguais entre os herdeiros de Todd, a viúva, e o filho mais velho, de vinte e oito anos. Talvez Mike Todd Jr. tivesse aderido imediatamente à vontade paterna, se os irmãos do produtor não tivessem desencadeado uma luta, revoltando o enteado contra a «intrusa», a mulher por quem Mike Todd tudo fazia, chegando à loucura de lhe oferecer uma jóia todas as semanas. Durante um certo tempo, Mike Todd Jr. foi tirado da órbita dos irmãos Goldbogen (Mike Todd chamava-se, na realidade, Avram Goldbogen), David, Frank e Carl, que não ficaram satisfeitos com o testamento de Mike Todd. David e Frank são modestos comerciantes em Chicago, e Carl é «chauffeur» de táxi em Los Angeles; (este último portou-se de tal maneira no funeral de Mike Todd que teve de ser afastado à força do cemitério: na presença de Liz, dos parentes e de toda Hollywood apostrofou o pessoal da Casa Produtora do irmão, chamando-lhes vigaristas e ladrões).*

*Os argumentos levantados pelos irmãos Goldbogen para convencerem o sobrinho a insurgir-se e a fazer valer os seus direitos pessoais são mais que pueris: aquela «mulher» divorciada duas vezes, rica pela sua profissão, não podia ter direito à herança de Mike Todd e, sobretudo, não podia ser considerada como família Goldbogen. Assim, o filho de Mike foi induzido*

*a pedir à madrastra a restituição das jóias que o pai lhe tinha dado, dos diamantes reais que a tornavam a mais bela nas festas da Costa Azul e nos «knight-clubs» de Londres e de Nova York, dos brincos e dos braceletes que estavam fechados na casa forte privada da actriz. E pretendia ainda uma partilha dos quadros valiosos que Mike tinha dado à mulher para a casa de Beverly Hills, Liz — que tem menos dois anos que o enteado — respondeu entre lágrimas, que os fabulosos presentes de Mike Todd lhe pertenciam, a ela exclusivamente, e pouco depois entregou a um advogado a delicada questão.*

*Mas a acção legal parece concentrar-se unicamente em torno dos irmãos Goldbogen. Com Mike Todd Jr., o acordado parece ter chegado a bom termo depois da conferência perante a Imprensa. A «débil» e «indefesa» Liz revelou-se repentinamente tenaz, e bem decidida a fazer frente. E diz-se que este mérito se deve, além do seu mérito de confiança, a Arthur Loew Jr.; não pela capacidade de Arthur, muito novo ainda e muito inexperiente para poder ser um homem sagaz e batido nos negócios, mas pela amizade afectuosa que soube despertar, ou fazer reviver, na sua «antiga paixão». As crónicas de Hedda Hopper e de Louella Parson, asseguram que o matrimónio se realizará brevemente. Não é por nada de especial — dizem — mas trata-se do filho de Loew; e Liz tem um certo fraco pelos milionários.*

MARIKA ABA

# HUMORISMO



— Não seas tonto! Tenho a impressão de que estão a espreitar-nos...

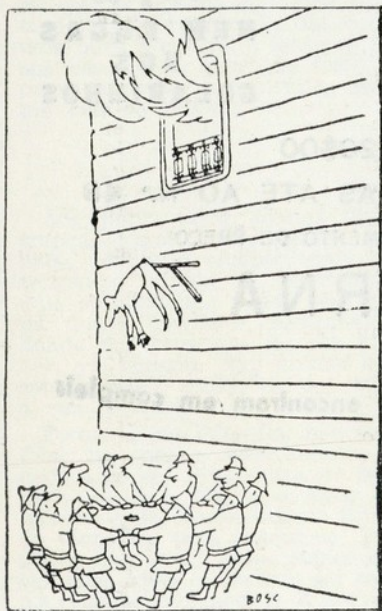


— Situação, zero... Físico, zero... Conversação, zero... Em suma, com que é que você conta para me interessar?

## ARREPENDIMENTO

Um capitalista, no leito da morte, faz a sua confissão geral.

- Padre, acuso-me de ter pecado muito...
- Por acções ou por omissões?
- Por acções e por emissões, sim, padre...



SEM PALAVRAS



— Tu é que insististe para passarmos as férias em África!

# AS CAMISAS DA MODERNA

SÃO  
IMPECAVEIS!



*Camisas*  
BRANCAS... BRANQUISSIMAS  
NAS MELHORES POPELINES INGLESAS

NÃO  
ENCOLHEM  
•  
NÃO FAZEM  
PREGAS  
NO PEITO  
•  
NEM RUGAS  
NOS  
COLARINHOS

AOS PREÇOS DE:

110\$00 - 130\$00 - 150\$00 - 180\$00 - 220\$00

MAIS FACILIDADE EM PASSAR A FERRO — MEDIDAS ATÉ AO N.º 48

SE VERIFICAR O CONTRÁRIO FAREMOS POR MEDIDA SEM AUMENTO DE PREÇO

## CAMISARIA MODERNA

ROSSIO, 110

A título de curiosidade lembramos que os 110 passarinhos se encontram em completa  
liberdade no nosso estabelecimento